

# **O CREPÚSCULO DE UM HERÓI E A AURORA DOS SUBVERSIVOS NOS BECOS DA MEMÓRIA**

*Vander Vieira de Resende\**

Universidade Federal de São João Del-Rei

*Mirian Cristina dos Santos\*\**

Universidade Federal de Juiz de Fora

**Resumo:** Em questão colocamos a concepção de silenciamento da voz de subalternos em discursos hegemônicos, a partir da perspectiva teórica dos estudos pós-coloniais e dos estudos subalternos, atentando para teorizações de Gayatri Spivak. Na leitura de *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo (2013), consideramos este livro com parte de um contexto em que uma literatura subversiva questiona o sistema crítico-literário hegemônico. Isso mediante uma narrativa polifônica, a qual representa subalternos e apresenta táticas de subversão de relações sociais assimétricas, com uma releitura do papel do herói e um reengendramento do sistema metáfora/metonímia – em uma narrativa que rearticula gêneros literários estabilizados como biografia(s), novela, conto, romance e histórias orais. Mediante a discussão das consequências do “desfavelamento” no esgarçamento do tecido e das relações sociais e a contestação da subalternização por sujeitos favelados-subalternos-subproletários-marginalizados, via resistência e subversão, Conceição Evaristo nos permitiria entrever: o crepúsculo de um Herói e a aurora dos subversivos.

**Palavras-chave:** Subalternização. Herói. Metonímia. Subversão.

## **Introdução**

Muito tem sido discutido nos estudos pós-coloniais acerca de processos de construção da alteridade, de subalternização e de fundação de narrativas hegemônicas – nacionais, identitárias ou disciplinares. Teóricos pós-coloniais (como Spivak (1988), Bhabha (1998), McClintock (1997), Mignolo (2003), Prakash (1992)), de modos dissonantes, atentam para a adaptação ou resistência a tais processos, bem como para as (im)possibilidades do subalterno se representar ou ser representado nos discursos hegemônicos. Nessa linha de



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

\* Mestre em Teoria Literária e Crítica da Cultura pela Universidade Federal de São João Del-Rei. E-mail: [myriancris@hotmail.com](mailto:myriancris@hotmail.com).

\*\* Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora, MG. E-mail: [vanres2004@yahoo.com.br](mailto:vanres2004@yahoo.com.br).

argumentação abordaremos aqui, diretamente, modos de subversão e resistência à narrativa da nação brasileira moderna e, indiretamente, à narrativa da Literatura Brasileira. Buscamos encontrar uma trilha de resistência, mesmo que não seguindo à risca as linhas argumentativas de nossos predecessores e correndo sempre o risco de rearticular ideologias questionadas: desse modo trabalharemos com a concepção de subalternização. Ler a partir de uma perspectiva atenta aos processos de subalternização implica uma interpretação de certa forma subversiva, ao destacar: a sobredeterminação das esferas material e simbólica e a articulação sistêmica entre instâncias políticas, sociais, econômicas, culturais e disciplinares hegemônicas em processos de subalternização. Entre a crise dos meta-relatos de discursos hegemônicos e as dificuldades em se lidar com uma alienável condição pós-moderna, buscaremos uma emancipatória e democrática leitura da diferença cultural e de posições de sujeito singulares, que subvertem narrativas de identidade homogeneizantes.

A perspectiva teórica empregada aqui – nem sempre referenciada explicitamente ou traduzida fielmente – articula Estudos Culturais, Estudos Pós-Coloniais e, mais especificamente, Estudos Subalternos, com ênfase no posicionamento intervencionista de Gayatri Spivak. Em texto seminal, Spivak considera a constituição de sujeitos fixos pelo discurso “ocidental”, os processos de silenciamento do sujeito subalterno, bem como as margens do circuito da violência epistêmica imperial (SPIVAK, 1988, p. 283). Tal abordagem tem dois objetivos principais: discutir e problematizar o modo como concepções de sujeito tem sido pensadas na crítica ocidental e como representa-se o sujeito do terceiro-mundo no discurso colonial. Mais detalhadamente, Spivak focaliza o modo de representação da mulher do terceiro mundo, especificamente no contexto indiano. Isso para pensar as possibilidades do subalterno falar e ser falado em discursos hegemônicos. Principalmente enfatizando subalternos silenciados, por provirem de um contexto colonizado, como as mulheres, os pobres e os “de cor”.

Porém, uma ressalva já se faz necessária em relação a como, algumas vezes, compreende-se a expressão possibilidade de “falar (ou ser falada) da mulher subalterna” (SPIVAK, p. 271). Em certos contextos Spivak tem sido contestada como se atestasse que mulheres subalternas não teriam qualquer possibilidade de falar, de se expressar, de narrar. Não coadunamos com tal leitura. Ao afirmar a impossibilidade do subalterno falar e ser falado, Spivak trata especificamente de um Sujeito Subalterno o qual o discurso colonial, pós-colonial e historiográfico indiano constituiu e constitui de forma monolítica. Nesse sentido, consideramos que não se questiona a possibilidade de mulheres subalternas colonizadas

singulares se representarem e serem representadas em diversos contextos. Spivak questionaria a mecânica de constituição de um “Sujeito Subalterno” que não pode falar, pois em discursos hegemônicos não lhe é dada autoridade para falar por si, não tendo voz, mas sendo falado, muitas vezes, pelo seu Outro. Como afirma a também indiana Arundhati Roy: “Nós sabemos que naturalmente não há realmente tal coisa como os “sem voz”. Há somente os deliberadamente silenciados, ou os preferencialmente não ouvidos” (ROY, 2004, s.p., tradução nossa).

Não poderíamos iniciar nossa reflexão sem fazer tal ressalva, já que *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo – o objeto eleito para discutir o questionamento da subalternização – constitui-se como uma narrativa que representa, entre vários outros aspectos, as (im)possibilidades de uma jovem-mulher-personagem-favelada se constituir como escritora, se construir, se (trans)formar e se posicionar como um sujeito que enquanto se adapta, subverte relações binárias e assimétricas de poder em busca da cidadania plena, independentemente de etnia, classe, gênero, geração, status ou origem geográfica. Nesse processo, uma narradora-personagem, Maria-Nova, adapta-se ao discurso hegemônico, fala por si e por subalternos – um grupo sociocultural do qual não mais faz parte no tempo da narração –, inclusive contestando, em certos momentos o modo como os aparelhos repressivos e ideológicos do estado (polícia, escola, igreja) atuam no processo de silenciamento e ocultação de histórias, experiências e vozes de subalternos singulares em contextos específicos.

Mas se em um texto literário o subalterno parece se representar e ser representado, em que condições um subalterno fala e se representa no discurso literário brasileiro atual? Muito do que se escreve sobre a subalternidade, em análises de textos brasileiros atuais, mediante as teorizações de Gayatri Spivak, enfatiza a questão da representação de personagens subalternos. Esse artigo segue um percurso por vezes diferenciado, em uma abordagem que considera uma outra vertente da perspectiva de Spivak, nem sempre discutida nos estudos literários brasileiros atuais, de questionamento do discurso hegemônico, sobretudo, do sistema crítico-literário brasileiro, que por séculos silenciou, ocultou e estereotipou subalternos.<sup>1</sup>

Entretanto, será que esse questionamento já não vem sendo empreendido quanto ao sistema crítico-literário brasileiro? Nas últimas décadas, algumas correntes da crítica literária

---

<sup>1</sup> Em relação à representação de personagens afro-brasileiros, que constituem a maioria de personagens subalternos, Dalcastagnè (2005) analisou que no período 1990-2005, de um conjunto de 165 escritores e 258 romances, apenas 7,9% dos personagens eram negros, 5,8% do total protagonistas-negros.

vêm sim empreendendo a desconstrução do discurso hegemônico, que levaram, por exemplo, ao debate nos anos 1990 sobre “que fim levou a crítica literária” (NASCIMENTO, 2009), a respeito dos posicionamentos de Perrone-Moisés (2000) e de estudiosos da Literatura Comparada, como Souza (2002). Aqui destacamos mais um viés dessa discussão, trazendo à baila a leitura suplementar dos Estudos de Gênero e dos Estudos Afro-Brasileiros: suplementos à Literatura Brasileira em um trabalho de abalo das fundações falo-étnico-cêntricas empreendido por, entre outros, Regina Dalcastagnè (2005), Eduardo Duarte (2013), Maria Nazareth Fonseca (2000), Simone Schmidt (2013) e Rita T. Schmidt (2002) – que de modos diversos questionaram a marginalização da literatura produzida fora de parâmetros, padrões e modelos estéticos do sistema crítico-literário hegemônico. Buscamos ler com essa nova “tradição” e complementar esse suplemento com a perspectiva dos estudos subalternos, para interpretar a literatura subversiva de Conceição Evaristo.

Empregaremos nessa leitura uma perspectiva epistemológica que considera como se estabelece o campo literário e o que constitui um texto como literário, que denominaremos estudos literários culturais. Nessa perspectiva, ler-se-ia o texto literário a partir de um sentido ampliado, em uma interpretação sistêmica, que demanda uma análise interdisciplinar do texto literário como objeto cultural articulado em um circuito cultural (para pensar sobre essa concepção com outras palavras conferir: Souza (2002); Nascimento (2009)) – perspectiva na qual explícita ou implicitamente revisita-se a noção de texto literário, de análise interdisciplinar e de circuito cultural.

Nos estudos literários culturais, há uma ampliação da noção do que constitui um texto como literário. Recusa-se uma valoração de tipos específicos, restritos e autorizados de produções literárias, a partir de critérios pretensamente objetivos do que seriam e de como se constituiriam as grandes obras literárias do cânone, bem como de quais seriam os critérios de competência e de excelência literária – como se tais critérios fossem universais e não historicamente redefiníveis por questões de geração, classe, etnia e gênero (CULLER, 1999). Consideramos, nesse contexto, que os Estudos Culturais<sup>2</sup> contribuiriam para a revisão do que constitui um texto como literário; dos critérios de legitimação de literatos e críticos; de questões e temas passíveis de interpretação literária; da função sociocultural da literatura; de processos de subalternização.

Em uma abordagem atenta à diferença cultural compreende-se a Crítica Literária e os estudos literários culturais como Janus – um mesmo deus, de duas faces, mas com

---

<sup>2</sup> Com ênfase na vertente inglesa, a partir das leituras de Hoggart, Williams e Thompson e do Centro de Birmingham, sob a liderança de Stuart Hall (RESENDE, 2005).

posicionamentos ideológicos distintos relativos ao modo de compreender o que é a literatura – a primeira predominantemente disciplinar e o segundo interdisciplinar (entre disciplinas em diálogo nessas análises interdisciplinares. Posturas de leitura de texto, por meio da disciplinaridade ou interdisciplinaridade, possuem focos distintos, compreendem a função da literatura de modo dissonante e buscam responder a questões socioculturais diversas, com alvos diferentes. Há, nessa perspectiva, mais do que uma contestação da disciplinarização e do fechamento de áreas do conhecimento, pois não se lê o texto literário como autônomo, dissociada do circuito cultural. Os estudos literários culturais, a partir do diálogo interdisciplinar – por vezes transdisciplinar –, passa a reconsiderar temas e questões que, embora pudessem ser lidos pela Crítica Literária, não eram fatores privilegiados, por serem vinculadas a “outras” disciplinas, como, por exemplo, a questão da construção do Sujeito, da Identidade Cultural e da Nação, bem como a representação de categorias como classe, gênero, etnia, geração, religião.

Outro aspecto premente foi a inclusão, na discussão acerca da literatura, de questões quanto ao circuito cultural, em que se situa o sistema crítico-literário, com atenção às relações sociais de produção, circulação, consumo e re-produção da literatura como produto cultural. Enquanto análises formalistas e imanentistas do texto foram elaboradas por diversos críticos brasileiros, a maioria dos mais publicados e citados<sup>3</sup> não restringiam análises à imanência do texto literário, como um objeto “autônomo”, consideravam o texto a partir de sua “autonomia relativa”, em relação ao contexto sócio-histórico-político-ideológico. Enfatizamos assim que análises socioculturais da literatura não são recentes na crítica literária brasileira, contudo, a partir da emergência dos estudos culturais, ampliou-se: a discussão relativa a temáticas socioculturais; o questionamento dos processos de constituição de identidades; o diálogo interdisciplinar; a relevância de compreender o circuito cultural; e a relativização da discussão acerca dos processos de seleção e organização do cânone literário.

Assim sendo, ao invés de crítica literária restrita, nos estudos literários culturais analisa-se o texto segundo parâmetros epistemológicos que: enfoquem a perlaboração da interação sociedade-cultura; abordem de modo interdisciplinar a literatura; ampliem a compreensão do que torna um texto literário; questionem processos de constituição de cânones literários; e discutam o circuito cultural de produção, distribuição, consumo e reprodução. Esses aspectos epistemológicos permitem começar a perceber como se concebe a

---

<sup>3</sup> Cada um a seu modo, destacamos, entre outros: José Veríssimo, Mario de Andrade, Tristão de Ataíde, Lúcia Miguel Pereira, Afrânio Coutinho, Alfredo Bosi, Antonio Cândido, Roberto Schwartz, Luís Costa Lima, Leyla Perróne-Moisés, Silviano Santiago.

literatura e o campo literário. Não sendo esse um rol extensivo do que constitui os estudos literários culturais, haveria outras características a serem consideradas para entrevermos o que estamos denominando pelo termo. Como dissemos são aspectos epistemológicos. E esses não são, necessariamente, trabalhados em cada artigo específico, como não serão aqui, mas possibilitam entrever de onde o crítico representa, sob qual perspectiva interpreta, concebe e analisa a literatura.

Lembramos ainda que o objetivo desse artigo é começar a discutir a contestação de processos de subalternização no âmbito de um texto literário específico – *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo – e, porque não, do sistema crítico-literário brasileiro. Uma outra ressalva: nesse artigo, não abordaremos “como realmente é” a favela, ou definir o que tornaria um texto autêntico, produzido por um favelado-subalterno-subproletário-marginalizado, questões que, de modo implícito ou explícito, tem sido tantas vezes perlaboradas em leituras cujo tema seja a favela ou favelados, em relação às narrativas de escritores de uma literatura subversiva como Carolina Maria de Jesus (2000), Paulo Lins (1997), Ferréz (2000), ou Conceição Evaristo (2013). Observaremos, isto sim, modos de resistência à mecânica identitária – social, classista, política e escritural – de constituição do favelado-subalterno-marginalizado como um “Outro” estereotipado e binário (anjo ou demônio, vítima ou carrasco).

Nessa não tão ligeira introdução, discorreremos sobre a concepção de silenciamento/ocultamento da voz de subalternos em discursos hegemônicos, apresentamos o objeto escolhido para empreender tal discussão e expressamos nossa perspectiva de leitura do texto literário, deixando entrever uma discussão acerca do papel da literatura subversiva na releitura do sistema crítico-literário. A seguir, resumiremos seletivamente o texto literário *Becos da Memória*, com ênfase nas consequências do desfavelamento no deslocamento forçado e no esgarçamento do tecido e das relações sociais, bem como discutiremos a contestação da subalternização por sujeitos favelados-subalternos-subproletários-marginais, via resistência e subversão. Nessa leitura destacaremos: representações de relações sociais em um contexto assimétrico de poder; o fracasso da constituição de sentimentos de comunidades e da formação de consciência de classe; a problematização de concepções de herói e a reversão do sistema gendrado metáfora-metonímia. Enfim, discutiremos o modo como a narrativa *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo possibilita entrever: o crepúsculo de um herói e a aurora dos subversivos.

### ***Becos da Memória, de Conceição Evaristo***

Em *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, Maria-Nova, narradora-personagem, memorializa sua infância e juventude, em uma favela, e conta histórias de vida, de mais de uma dezena de moradores-personagens-favelados, predominantemente negros, e de transformação de subjetividades. Conta-se, de forma polifônica, ao lado de uma pluralidade de histórias pessoais, a história de um “desfavelamento”. No processo de desagregação ocasionado por este desfavelamento, Maria-Nova, amigos e conhecidos: partem para novas favelas; deixam-se ficar nas ruas como indigentes; morrem com a favela/senzala; perdem referências; encontram razões para continuar ou começar a lutar pela vida. Alguns dos mais velhos, que “fundaram” a favela: “morrem de não viver”; deixam-se anestésiar pela bebida; são carcomidos por doenças tratáveis; perdem a esperança e a vontade de viver; Alguns dos mais jovens, que nasceram ou que chegaram quando a favela já estava “fundada”: encontram novos motivos para lutar; decidem escrever para “viver do viver”; mantêm a esperança de, como e se for possível, construir um outro mundo possível. Uma intrincada arquitetura narrativa polifônica expressa múltiplas respostas singulares a crise de sujeitos (des)favelados.

Com o “desfavelamento”, desarticulam-se as relações sociais em uma série de instâncias: param de estudar as poucas crianças e jovens que iam à escola; perdem o trabalho as lavadeiras devido primeiro à falta de água, depois a mudança forçada para regiões ainda mais periféricas; deslocam-se os trabalhadores da construção civil que erguem os prédios e casas da redondeza e que terão que encontrar novos locais de trabalho ou se deslocar por longos percursos; perdem seus pontos comerciais e freguesia os comerciantes da favela. No auge do desfavelamento: “Até o amigo podia ser um inimigo em potencial” (BC, p. 232). Acompanhamos a fragmentação de uma comunidade, com a derrubada de barracos, falecimentos e deslocamentos.

Paralelamente ao deslocamento forçado e ao processo de rompimento das relações sociais e de trabalho, ocorre a construção da subjetividade da personagem Maria-Nova, a qual vai se conhecendo e ao seu mundo, se transformando, em um processo complexo de letramento: ao ouvir histórias e guardar memórias, aprender a ler as letras e palavras, mas também gestos, comportamentos, movimentos, corpos e coisas do mundo. Nesse processo de aprendizado, a narrativa segue uma espiral, na qual o foco em dezenas de personagens – detalhados psicológica e fisicamente – ocorre pela relevância de cada um na transformação da personagem. Isso porque a ênfase neste ou naquele personagem, a atenção maior ou menor a um detalhe, não se dá devido a estratificações sociais, gênero, geração, etnia, ou de classe,

mas segundo a relevância da personagem para o aprendizado e autoconhecimento da narradora-personagem enquanto sujeito crítico e reflexivo. Ao final da narrativa, quando parte – com os que restaram de sua “família”, sem Tio Totó, falecido no dia da mudança, e sem amigos – para um novo lugar, em que não mais iria para a escola por um tempo indefinido, projeta escrever o que nos narra, contar experiências e vivências. A narrativa torna-se o forjar de uma subjetividade: “Maria-Nova estava sendo forjada a ferro e fogo (EVARISTO, 2013, p. 108<sup>4</sup>)”, conhece a si e ao mundo, mediante a coleta de “escrevivências”.

Assim como a personagem se conhece – seus anseios, medos, capacidades e, sobretudo, possibilidades –, cada um das personagens vai sendo construída lentamente em histórias que se intercalam e se interconectam, sendo interrompidas e retomadas. Essa estratégia narrativa – embora provoque uma intensa fragmentação – não torna a narrativa de difícil leitura, devido a uma artimanha de contadora de histórias orais empregada magistralmente, as repetições constantes de fatos e atos de personagens-chave. Uma história, uma vivência, faz lembrar outra, que permite rememorar outra, em uma “progressão” relativamente descontínua. A repetição torna-se assim uma estratégia narrativa sofisticada, que permite a narradora retomar histórias de personagens – constantemente interrompidas – sem quebra no fluxo narrativo.

Cada um a sua maneira, favelados-subalternos-subproletários-marginalizados se defrontam com o deslocamento forçado. Uns se desesperam e partem, literal e simbolicamente, outros forjam esperanças e constroem possibilidades de uma nova vida. O fluxo da narrativa, fazendo uso da estratégia da repetição e de uma arquitetura polifônica possibilita a construção: da narrativa; de Maria-Nova; da personagem-narradora; de vários personagens cujas subjetividades são apresentadas e aprofundadas lentamente; da favela enquanto espaço social heterogêneo, que demanda táticas complexas de sobrevivência; da metrópole e da sociedade brasileira como estruturalmente desigual, em termos políticos, sociais e culturais; e – aspecto por nós enfatizado a frente – do processo de construção de favelados-subalternos-subproletários-marginalizados como sujeitos singulares que contestam o desfavelamento como um procedimento institucionalizado de degradação social e subvertem o processo de silenciamento individual e cultural.

Em um ambiente desesperançado, Maria-Nova tem esperança de escrever as histórias de sofrimentos e alegrias pessoais, de conflitos interpessoais, de construção de sujeitos, que

---

<sup>4</sup> Doravante: *BC* e a página, sem ano, nas citações diretas; entre colchetes termos de articulação e coesão).

lhe permitam vislumbrar um mundo amargo, mas no qual se luta não para “morrer de não viver [, mas para] viver do viver” (BC, p. 225). *Escrevivências*, histórias de experiências vividas uma favela sendo demolida, ou, se passadas em locais distantes, que expliquem como amigos, parentes e conhecidos se tornaram seres humanos complexos, a exemplo de Negro Alírio e da própria Maria-Nova – personagens que focaremos a partir de agora. As seleções aqui analisadas permitem-nos entrever – de modo condensado – situações heterogêneas de vivenciar processos permanentes de subalternização, mediante resistência, adaptação e subversão.

### **Negro Alírio e o crepúsculo de um Herói**

Quando Negro Alírio, com uma experiência pretérita de participação em organizações políticas – uma cooperativa em sua vila de origem (BC, p. 79-98) e movimento grevista por direitos trabalhistas (BC, p. 135-138) –, chega à favela de *Becos da Memória*, observa a degradação social aumentar a cada dia (conflitos entre familiares, entre vizinhos e entre antigos companheiros) com a iminência da demolição dos barracos e a desarticulação da rede social. (O conhecimento pela narradora-personagem sobre a história pessoal de Negro Alírio – um personagem com quem não tivera mais do que algumas trocas de olhares, sem sequer conversar – simboliza um complexo processo de uma narrativa em abismo: Negro Alírio conta sua história para o personagem Bondade (ou para sua mulher Dora que então conta para Bondade), que a narra para a jovem Maria-Nova, que um dia a organizará na narrativa sobre o desfavelamento. Esse processo sofisticado de construção de sentidos intermediado por narrações e interpretações prévias de outras personagens ocorre em relação a outras personagens, mas surge de modo intenso na construção de Negro Alírio)

Em determinado momento, a atenção de Negro Alírio se volta para a falta de união dos moradores para lutar por direitos individuais ou coletivos fundamentais: o direito a propriedade e a moradia digna. A maioria dos favelados surgem como individualistas, possuem consciência de sua condição subalterna, mas estão mais preocupados com a sobrevivência material imediata própria e de seus grupos familiares. Esse aspecto possui, sem dúvida, relevância em termos da sobrevivência cotidiana, da luta para vencer a fome e conquistar e manter bens materiais duramente conquistados. Contudo, a narrativa representa (a exceções de algumas situações: bailes, torneio de pelada, congado) uma falta de um sentimento de que cada favelado faria parte de uma comunidade com interesses comuns, de que sua condição ou de sua família não era única, mas compartilhada por um grupo extenso de outros indivíduos e outras famílias. Em outros contextos, a falta de realização de que

haveria uma condição compartilhada de exploração social e exclusão cultural tornar-se-ia uma das principais causas do fracasso de projeto marxista de construção de uma consciência coletiva de classe (PRAKASH, 1992). Nessa linha, Negro Alírio vislumbra que haveria poucas possibilidades de real melhoria social da situação debilitada dos favelados-subalternos-subproletários-marginalizados, sem a construção de um sentimento de comunidade.

Na vila em que Negro Alírio fora criado, apenas após longo processo – de conscientização de classe e educação política – surgira uma cooperativa para enfrentar os desmandos do coronel local. Mas essa só surgira quando:

Crianças, mulheres, homens, todos, cada qual à sua maneira, cada qual com seu poder de alcance, de entendimento diante da vida, percebeu que, se ficassem cada um para o seu lado, eles não seriam ninguém. A ideia da cooperativa, que há muito o Homem [Negro Alírio] discutia com os irmãos, começou a tomar corpo (BC, p. 97).

Uma construção de uma consciência de comunidade, nesse caso, não demandaria a repressão e silenciamento de singularidades, mas se relacionaria a um modelo de comunidade que se perceberia como tendo interesses compartilhados, que se organizaria politicamente, com uma percepção de que há outros – no contexto local, regional, nacional e, adicionaríamos, global – em distintas situações de depauperamento. Contudo, com uma consciência de que sua condição não é individual, mas compartilhada, de que “cada qual”, de seu modo singular, vivência a subalternidade e marginalização comum e diferenciada. Na favela de *Becos da Memória*, não se construiu essa consciência de comunidade que, de certa forma, Negro Alírio buscava estabelecer a partir da consciência de classe. O quê se expressa, sobretudo, na falta de sentimento de comunidade, de consciência de que os favelados possuem interesses e condição social de subalternidade compartilhada e de que precisariam lutar juntos, para poderem se preservar e conquistar direitos.

Em uma das vertentes do metarrelato marxista, um passo da luta progressiva para reverter processos de subalternização seria a união política – com respeito às diferenças: “cada qual a sua maneira” (BC, p. 97) – para defender interesses e conquistar direitos coletivos, mediante a união de classe. No entanto, um processo de conscientização da condição de subalternidade-marginalização demandaria um projeto de construção não apenas de uma consciência de classe, mas de uma união de interesses ampla, a partir da sobredeterminação de identificações sociais intersectadas como etnia, *status*, geração, gênero e classe. Um sentimento de comunidade ampla de interesses afins, construído no longo prazo – um tempo que os favelados de *Becos da Memória* não tinham mais (Essa falta de senso de

comunidade entre favelados é ainda mais estridente no diário de Carolina de Jesus, *Quarto de Despejo* (2000 [1960]).

Quando Negro Alírio passa a morar na favela, o desfavelamento já estava em estágio avançado, com a destruição de barracos, mudança de desapropriados e o esgarçamento da rede social local. Era possível unir alguns em certos momentos, em resposta a raiva, medo e ódio. Como na situação em que “Negro Alírio [...] juntou o pessoal da favela e com eles foi até a firma construtora exigir a retirada dos tratores” (BC, p. 114). Os restos dos tratores – destruídos em um acidente que matara alguns “homens-vadios-meninos” (BC, p. 113) e que, constantemente, as ferragens retorcidas colocavam em risco a vida de crianças – foram retirados duas semanas depois, contudo novos tratores vieram para prosseguir com o desfavelamento de modo ainda mais agressivo. Entretanto, passada a união momentânea, que – de fato levou à retomada do desfavelamento que fora interrompido por vários meses após o acidente – houve a dispersão dos favelados-subalternos-marginalizados e cada um volta a se preocupar com seus próprios problemas e interesses, com a sobrevivência material imediata sua e de sua família e com o deslocamento para outros espaços.

Ao pensar a resistência frustrada ao processo de alterização e subalternização a partir da formação da consciência de comunidade e de classe, remeto à nomeação de Negro Alírio como “O Homem”: “O Homem nascera bem longe dali (BC, p. 79)”. A denominação se dá com artigo definido e substantivo com maiúscula. Naquele outro contexto, narra-se “O Homem” em sua comunidade de “origem”, de nascimento e de construção, como um organizador de seu grupo social. A forma de nomear e o papel da personagem cria expectativas, segundo gêneros literários estabilizados. A história de “O Homem” diria muito aos leitores sobre que o tipo do personagem e as possibilidades que surgiriam para a favela com sua chegada. Contudo, esse personagem forte, centralizador, organizador, de certa forma, falha ao agir nos *Becos da Memória*.

Negro Alírio não cumpre o papel que ansiosamente o leitor espera do “O Homem”, ou d’O Herói. Em termos narrativos, interessante notar algumas quebras de expectativa. A personagem possuía características de um líder-herói: físicas, morais, intelectuais e também habilidades, comportamentos, atitudes, carisma e caráter. O leitor esperaria que o herói conseguisse unir a todos, salvar os fracos e oprimidos, evitar o desfavelamento e se tornar um líder comunitário. Entretanto, nenhuma dessas expectativas se realiza. Em uma outra perspectiva, o leitor esperaria a queda do herói, quer seja porque: falhas em seu caráter surgiriam no confronto do favelado com a dura realidade material; sua condição de

subproletário, não registrado e sem garantias trabalhistas mínimas, colocar-lhe-ia em uma condição adversa; seria preso devido ao envolvimento subversivo com um movimento trabalhista-grevista, em um serviço anterior; sua companheira (Dora) ou o nascituro, ou ambos, seriam colocados em alguma situação de risco. Cada uma dessas, e ainda outras, seriam inferências possíveis de acordo com a construção da personagem a partir de sua localização em heterogêneos papéis sociais, ou com os aspectos do gênero estabilizado romance, ou ainda com paradigmas de herói. Entretanto, essas expectativas são frustradas. Não há sequer um clímax ou anticlímax, embora haja momentos de ansiedade. Também não ocorre um milagre, o herói não se estabelece gloriosamente ou fracassa de modo retumbante.

“O Homem” – favelado, subproletário, subalterno, subversivo, marginalizado, multiletrado – está consciente das relações assimétricas de poder, mas, ainda assim, é um subalterno, por questões intersectadas de etnia, escolaridade, *status*, origem geográfica, social e de classe. Resiste ao processo de subalternização, mas não o subverte e não cumpre o papel de “Herói” – resiste momentaneamente, mas (como os outros subalternos-favelados-subproletariados-marginalizados) parte, sem deixar seu lugar subalternizado. Ao final, Negro Alírio e Dora, grávida, acompanham a destruição dos últimos barracos da favela e, então, partem por um caminho distinto daquele da família de Maria-Nova. Cada família segue rumo diverso, continuando sua vida.

Um certo viés marxista, cuja interpretação vínhamos empreendendo na primeira parte desse tópico sobre Negro Alírio, talvez não dê conta da complexidade do viver na favela – se limitador das possibilidades de resistência e subversão da condição de subalternidade apenas à instância econômica da identidade classe. Onde o senso de comunidade de interesses afins floresceu e permitiu resistir e subverter processos históricos de subalternização, como na comunidade de origem de Negro Alírio, não estava em questão apenas a identidade de classe. O fracasso do “Homem”, do “Herói” e da fundação de uma consciência de comunidade a partir da classe com interesses afins, não deixa de ser, paradoxalmente, uma resposta a soluções que – embora talvez desejáveis – não seriam plausíveis ou possíveis em toda e qualquer situação, pois o viver é mais heterogêneo e complexo. E a compreensão das relações sociais e a intervenção para transformar estruturas sociais assimétricas e desiguais só parecem possíveis quando há um engajamento em que se intersectem múltiplas identidades sociais de modos não binários. [Enfatizamos que nesta crítica não consideramos todas as leituras marxistas reducionistas, várias são bastante complexas ao atentar para a intersecção de diversas identidades sociais. Contudo, nossa leitura se contrapõe a certo viés que considera a

economia como determinante em última instância das relações sociais e que a união dos subalternos deveria ocorrer, necessariamente, por meio da identidade de classe].

*Becos da Memória*, nessa leitura, problematiza respostas simplificadoras de que haveria uma saída única, que funcionaria indiferenciadamente em todo e qualquer processo de contestação à subalternização, mediante a conscientização de classe – aspecto característico do metarrelato marxista, ou mesmo de outros metarrelatos que possibilitariam uma solução mágica para complexos problemas macroestruturais do sistema capitalista. A narrativa, assim, nos expressaria uma série de crises: crise dos meta-relatos que constituem a história via um sentido único, em uma lógica cartesiana de causa e efeito – do Marxismo, mas também por que não dizer do Liberalismo, do Humanismo, do Cristianismo, do Nacionalismo (aspecto a desenvolver em outro momento e lugar); crise de modelos deterministas de situar as relações sociais; crise de paradigmas tradicionais de herói; crise d'O Homem. Emerge em uma história do crepúsculo de um Herói, a narração da aurora dos subversivos.

### **Maria-Nova e a aurora dos subversivos**

Já quanto à Maria-Nova, sabemos de parte de seu futuro, pois conseguirá escrever a história dos *Becos da Memória*, após diversas perdas: Tio Totó falece; o amigo Beto vai para outra região da cidade; Vó Rita parte para um leprosário; amigos e amigas seguem outros rumos; o acesso à escola é interdito. Com ansiedade, “Maria-Nova queria sempre histórias e mais histórias para sua coleção [...]. Ela haveria de recontá-las um dia, ainda não se sabia como. Era muita coisa para se guardar dentro de um só peito” (BC, p. 56). Alguns lhe narravam histórias pessoais; Beto contava-lhe a história de Ditinha, a mãe presa por furtar uma joia da patroa; Maria-Nova interpretava a de outros, mediante um olhar atento a corpos, gestos, atitudes e comportamentos: como a história de Mãe Joana, sua própria mãe, de que “nunca conseguira uma história”(BC, p. 60); Bondade contava-lhe outras e aguça a curiosidade de Maria-Nova, possibilitando que a narradora-personagem não onisciente, adentre regiões de sombras.

Havia também histórias traumáticas, com as quais Maria-Nova não se identificava, que emergem em resíduos quando constrói a si e à narrativa. Não narra em detalhes histórias de: guerras em terras distantes, contadas por Tio Tatão (BC, p.81); brigas de bêbados e de suas mulheres, nos botequins da favela (BC, p. 63); da violência de Fuinha, que mata a mulher e abusa da filha – Fuizinha (BC, p. 110). Vislumbra-se a dor de histórias traumáticas e sórdidas, mas tais experiências não serão retransmitidas em detalhes. Não há – como há em

relação às vivências ternas – aprofundamento descritivo de eventos e detalhamento psicológico de personagens.

*Becos da Memória* torna-se um romance de formação de um artista, em que a narradora-personagem expressa sua história de transformação pessoal. Uma narrativa plena de dificuldades, como a de ir a uma escola em que os conteúdos estão desconectados das experiências e na qual ouve uma história com a qual não se identifica, tendo a voz embargada. Em uma aula de História, ao ser abordada a “escravidão”, no século XIX, Maria-Nova:

(Q)ueria citar como exemplo de casa-grande, o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava. Ia abrir a boca, olhou a turma, e a professora. Procurou mais alguém que pudesse sustentar a ideia, viu a única colega negra que tinha na classe. Olhou a menina, porém ela escutava a lição tão alheia como se o tema escravidão não tivesse a ver com ela. Sentiu certo mal-estar. Numa turma de quarenta e cinco alunos, duas alunas negras, e mesmo assim tão distantes uma da outra. Fechou a boca novamente, mas o pensamento continuava: Senzala-favela, senzala-favela! (BC, p. 104).

A escola não parece ser lugar acessível para uma reflexão, que poderia trazer à tona conflitos étnicos e de classe latentes – um ambiente não-propício à autonomia e criatividade intelectual: “A escola os inibia” (BC, p. 235). E a jovem, sem autoridade, se cala naquele momento, não se representa e aos seus pares favelados-subalternos-subproletários-marginalizados. A analogia da senzala-favela e o embargo da voz repetem-se em aula sobre a “Libertação dos Escravos” (BC, 208-211). Sentia-se insegura para interagir e sem apoio para defender uma interpretação subversiva, advinda do confronto entre conhecimento disciplinar e experiência cotidiana – uma demonstração de capacidade crítica e sabedoria, que não acreditava ser valorizada no ambiente escolar. Nesse segundo momento, sonha: “quem sabe escreveria esta história um dia? (BC, p. 210). A luta pela linguagem, por representar, por desembargar a voz, torna-se uma batalha discursiva, já que “estar no controle de seu próprio discurso significa ter poder sobre o que almeja que seja a história, mais do que aceitar o que outros dizem que é; isso consequentemente empodera você, não os outros” (JENKINS, 2004, p. 85). Maria-Nova, então com a voz embargada, sonhava em recontar a história da favela-senzala. E, no futuro, escreverá uma outra história, subversiva, que não conseguira expor enquanto aluna-favelada-subalterna. O silêncio cai agora sobre a personagem, mas o embargo à voz será abolido no futuro.

Nessa narrativa, Maria-nova constitui-se e é constituída como sujeito principal da enunciação – uma representante, uma subalterna que fala, dentre muitos silenciados. Constitui-se no sentido de que, após o desfavelamento, construir-se-á como sujeito da enunciação das agruras de vários sujeitos do enunciado que não teriam suas histórias

reconhecidas como representativas de uma cultura, pois seus modos de vida eram desvalorizados. É constituída já que ao mesmo tempo em que busca, vasculha e guarda histórias, amigos passam a procurá-la para contar-lhe suas histórias.

Em *Becos da Memória*, a trans-formada Maria-Nova surge como metonímia, como um agente de um projeto de trans-formação da nação, a partir de suas margens. No sistema metáfora-metonímia das narrativas do nacionalismo, a mulher como metáfora simbolizaria a nação e a tradição<sup>5</sup>, o homem como metonímia tornar-se-ia um agente do progresso e representante da potência histórica da nação (McCLINTOCK, 1997). Em uma reversão de tal sistema metáfora-metonímia, Maria-Nova simboliza um agente que busca escrever uma outra versão acerca de um longo processo de subalternização (articulado na narrativa pela analogia senzala-favela) do favelado-subproletário-marginalizado. Ao mesmo tempo em que narra a subalternização, esse sujeito-agente metonímico confronta uma certa narrativa positivista “de ordem e progresso” da formação da nação, cindindo a narrativa da moderna nação brasileira – contesta o que seria o “progresso” para os aqueles duramente afetados por um projeto histórico de urbanização que o periferiza e esgarça suas redes sociais. Desse modo, Maria-Nova torna-se um agente, mas um questionador do “progresso” da nação, a partir da narrativa dos silenciamentos (das histórias dos subalternos), das ocultações (das relações assimétricas de trabalho), dos desenraizamentos (da urbanização, periferização e desfavelamento). Maria-Nova, como metonímia, representa aqueles que não representaram a nação moderna, mas sim suas margens: favelados-subproletários-subalternos-marginalizados, majoritariamente afro-brasileiros.

Essa representação de uma mulher como metonímia torna-se uma das várias peculiaridades da construção narrativa de *Becos da Memória*. Maria-Nova ao ser constituída como metonímia e agente do progresso – e não como metáfora e símbolo da nação e da tradição – permite-nos questionar modos de representações tradicionais de gênero-classe-etnia e de subalternização. Esses mantêm, recorrentemente, o masculino como dominante, na narrativa da moderna nação brasileira. Re-ler tal sistema metáfora-metonímia é um passo, entre muitos necessários, para ressemantizar a nação.

### **Considerações intempestivas sobre a subalternidade e a subversão**

---

<sup>5</sup> Como metáfora, a mulher seria o símbolo da nação ou de um grupo identitário e, quase sempre, um símbolo passivo. Na literatura brasileira, *Iracema*, de José de Alencar, é ainda a metáfora maior da nação Brasileira. Em outros contextos literários, são compreendidas como metáforas: *Princess Cathleen*, de Yeats; *Madame Bovary*, de Flaubert; Luiza, em *Primo Basílio*, de Eça de Queiroz. Em outros campos culturais entre várias metáforas: Mama África; as Baianas, nas Escolas de Samba, ou em Salvador, BA.

Em *Becos da Memória*, Conceição Evaristo – uma escritora que desenvolve um “projeto de trabalhar por uma linguagem que subverta imagens e sentidos cristalizados pelo imaginário social oriundo dos valores brancos dominantes” (DUARTE, 2013, p. 148) – perlabora uma narrativa polifônica, na qual representa subalternos e táticas de subversão de relações sociais assimétricas, relendo o papel do herói e o reengendrando o sistema metáfora/metonímia.

Nessa análise, discutimos estratégica e seletivamente as personagens Negro Alírio e Maria-Nova, focadas devido a suas diferentes maneiras de subverter relações assimétricas de poder. Entre o que há de compartilhado entre essas personagens destacamos uma atitude comum, não coordenada, de contestação – nem sempre com sucesso –, em que cada um questiona e resiste a seu modo, a partir de causas particulares e com consequências peculiares, aos processos sociais de exclusão, silenciamento, alterização e subalternização. Negro Alírio e Maria-Nova são construídos como atores sociais complexos buscando escapar de uma condição subcidadã em uma nação em desconstrução. Essas adaptações constituem formas atenuadas de subversão, pois as personagens não se submetem, não se deixam assimilar, não se deixam aculturar, mas também não confrontam abertamente, em todos os momentos, o discurso hegemônico. Mediante um complexo processo de multiletramento cultural, a partir de uma leitura ampla de mundo e de histórias de vida, Maria-Nova e “O Homem” buscam se emancipar, sem aceitar a perenização da condição de subalternidade, almejando uma autonomia da vontade possível, mesmo que isso possibilite apenas o mínimo de respeito social, público e cultural.

Se o Sujeito Subalterno não se representa, Maria-Nova se representa e a vários outros subalternos, enquanto mulher e afro-brasileira, em sua singularidade, enquanto metonímia e agente que procura a transformação pessoal e social. Enquanto categoria, enquanto Sujeito monolítico, homogeneizado, centrado, íntegro e estereotipado, o Subalterno não pode se representar ou falar. Já enquanto indivíduo singular – que compreende os múltiplos lugares sociais que ocupa em termos geográficos, de gênero, de classe, de status, de geração, de etnia – representa, numa dupla acepção desse verbo: representar politicamente enquanto letrada, escritora e intelectual; representar como narradora, de forma multimodal (símbolos, palavras, imagens, gestos, comportamentos e atitudes), histórias daqueles que não podem ou não querem mais contar suas histórias, na forma escrita ou oral. Nesse sentido, “O Sujeito Subalterno” é silenciado, enquanto um sujeito favelado-subalterno-subproletário-

marginalizado, mulher, pobre, de cor pode representar, pode falar, pode expor uma condição de sujeito, em sua singularidade.

Ambas, narradora-personagem e escritora não são mais subalternas em sentido literal, assim sendo falam, assumem o lugar de um outro (subalterno) e o re-presentam. Sintomaticamente dois eventos de edição expressam a impossibilidade de expressão do subalterno: a narradora-personagem só contará a história do desfavelamento anos após o ocorrido, depois de “aprender” a fazer uso do discurso literário hegemônico – já que a narradora não é uma criança, mas uma adulta que rememorializa sua juventude; o próprio trabalho para publicar *Becos da Memória*, por Conceição Evaristo, que traça as primeiras ideias em um texto de 1968, perlabora a publicação – que não ocorre – em 1988 e consegue finalmente trazer à lume esse texto literário em 2006, ou seja 38 anos depois das primeiras linhas (EVARISTO, 2013, p. 13).

Em situações de subversão e contestação à subalternização, a narrativa das desventuras de múltiplos personagens e a polifonia narrativa possibilitam-nos observar a sobredeterminação de identidades sociais diversas, como classe, etnia, gênero e geração. Essas se intersectam, se sobredeterminam, se sobresscrevem de um modo que um recorte qualquer – com a consideração de que haveria uma identidade social como determinante em última instância de relações sociais – poderia levar a um reducionismo. Enfim, mas não ao cabo, *Becos da Memória* permite-nos questionar a existência de uma forma pura de consciência identitária de um sujeito que é múltiplo, subalterno-favelado-subproletário-marginalizado. Isso por meio da análise de processos diferenciados de subalternização de personagens singulares que resistem e adaptam-se, a partir de posições sociais diversas.

Os favelados-subalternos-subproletários-marginalizados são situados como membros de uma identidade social relativamente homogênea em um mesmo grupo – por nós mesmos, em uma mecânica discursiva característica de constituição de sujeitos e alteridades de que não conseguimos escapar –, mas com a qual eles mesmos, no texto, não se identificam, principalmente porque ocupam posições sociais, culturais, discursivas e ideológicas diferenciadas; não compartilham interesses mais do que momentaneamente e em situações específicas; não agem como portadores de uma identidade fundante, mas como indivíduos singulares, com problemas particulares e posicionamentos peculiares. Seres humanos complexos que não cabem em estereótipos de anjos ou demônios, vítimas ou algozes.

Na longa série de movimentos adaptativos e de resistência cultural, por personagens marcadas por uma incerta “Civilidade Dissimulada” (BHABHA, 1998), Conceição Evaristo

continua uma trajetória intelectual singular, em que nos *Becos da Memória* problematiza, entre outros aspectos: relações sociais não solidárias entre favelados; relações de trabalho assimétricas entre subproletários e seus empregadores; periferização dos marginalizados por um desfavelamento brutal que esgarça um tecido social laboriosamente construído; função não-socializadora e alienante da escola; desconexão das disciplinas escolares da realidade física e simbólica de alunos.

Uma narrativa em que há, também, uma revisão do sistema metáfora-metonímia, uma problematização do papel do herói em um tempo de crise do Sujeito, uma construção de vários personagens complexos, uma multiplicidade temática exasperante, uma polifonia de vozes dissonantes, uma intersecção de identidades sociais conflitantes – tudo isso por meio de um estilo formal e estrutural sofisticado. Esses aspectos, cada um a sua maneira, nos fazem pensar acerca da trajetória incerta da Literatura Brasileira atual, em que, a partir da leitura dos estudos literários culturais se busca interromper o silenciamento de vozes dissonantes e o ocultamento de sujeitos complexos, narrados em certas perspectivas de estereotipada e homogeneizadora.

Uma resposta literária à subalternização cultural e social, por uma intelectual como Conceição Evaristo, possibilita-nos vislumbrar, mediante a prática dos estudos literários culturais, uma série de movimentos que constituem uma literatura subversiva. Literatura subversiva pois refleti acerca da dialética da constituição de subjetividades contra-hegemônicas; questiona o movimento de constituição de subalternos-favelados-subproletários-marginalizados como possuidores de uma identidade estereotipada comum, fixa, estável; cinde não apenas a narrativa da nação moderna, mas também da longa perlaboração da identidade cultural nacional brasileira.

Tantos movimentos são empreendidos em *Becos da Memória*, um texto que consideramos predominantemente metaliterário, que realiza um movimento ainda de resistência e rearticulação do discurso literário hegemônico – necessária como seja para o sucesso pessoal e a realização material de sujeito singular – em uma vertente contemporânea que não enseja a contenção da expressão política de vozes questionadoras dos ocultamentos do presente, problematizadora dos silenciamentos do passado e subversora do futuro da nação – mas esse viés de leitura, metaliterário e contemporâneo, de *Becos da Memória*, terá que aguardar outro momento para ser re-trabalhado.

Por tudo isso, *Becos da Memória*, ao estabelecer sua celebração polifônica de vozes subalternas, faz parte de uma literatura subversiva que expressa: a desilusão com os meta-

relatos e com a pós-moderna condição de constituição de uma identidade coletiva transformadora; uma desesperança na efetividade da construção de um senso comunidade para lutar por interesses afins; mas – mesmo em meio a tanta desilusão e desesperança – uma crença utópica na contingência da construção de indivíduos singulares e cidadãos plenos; e uma necessária e permanente esperança na subversão da naturalização da condição de subalternidade; enfim, uma aurora dos subersivos.

## Referências

BHABHA, Hommi. *Local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CULLER, Jonathan. Literatura e Estudos Literários. In: *Teoria Literária: Uma introdução*. São Paulo: Beca Produções Culturais LTDA, 1999. 48-58

DALCASTAGNÊ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005.

DUARTE, Eduardo A. O negro na literatura brasileira. In: *Navegações: Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*. Rio Grande do Sul: Programa de pós-graduação da PUCRS e Universidade de Lisboa, v. 6, n. 2, p. 146-153, 2013. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/16787/10936>. Acesso em: 18 jan. 2015.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Florianópolis: Mulheres, 2013.

FERRÉZ. *Capão Pecado*. São Paulo: Objetiva, 2000.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

JENKINS, Keith. *Re-thinking history*. London and New York: Routledge, 2004.

JESUS, Carolina M.. *Quarto de despejo*. São Paulo: Editora Ática, 2000.

LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MCCLINTOCK, Anne. No Longer in a Future Heaven: Gender, Race and Nationalism. In: MCCLINTOCK, Anne et al. *Dangerous liaisons: gender, nation, and postcolonial perspectives*. Minneapolis: U. Minnesota Press, 1997, pp. 89-112.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais-projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

NASCIMENTO, Evando. A cor da literatura. In: GONÇALVES, Ana B. et al. (Org.). *Literatura, crítica e cultura III: interfaces*. Juiz de Fora (MG): UFJF, 2009, p. 60-83.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Brasil afro-brasileiro*. Autêntica, 2000.

PERRONE-MOISÉS, Leila. *Inútil Poesia e outros Ensaio breves*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

PRAKASH, Gyan. Postcolonial criticism and Indian historiography. *Social Text: Third World and Post-Colonial Issues*. Duke University Press, n. 31/32, 1992, p. 8-19. Disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/466216?sid=21105085242991&uid=2&uid=3737664&uid=4>. Acesso em: 16 jan. 2015.

RESENDE, Adelaine Laguardia. Mapeando os estudos culturais. In: QUINTANA, Suely (Org). *Fronteiras críticas, literárias e culturais*. São João del-Rei: UFSJ, 2005, p. 11-28

ROY, Arundhati. Peace and the new corporate liberation theology. *The 2004 Sydney Peace Prize Lecture*. Sidney, Australia. 2004. Disponível em: <http://sydney.edu.au/news/84.html?newsstoryid=279>. Acesso em: 04 jan. 2015.

SCHMIDT, Rita T. Escrevendo gênero, reescrevendo a nação: da teoria, da resistência, da brasilidade. In: DUARTE, Constância et al. (Orgs.). *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2002, v. 1, p. 32-44.

SCHMIDT, Simone. A força das palavras, da memória e da narrativa. In: EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Florianópolis: Mulheres, 2013, p. 15-23.

SOUZA, Eneida Maria. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

SPIVAK, Gayatri. Can the Subaltern Speak?. In: NELSON, Cary; GROSSBERG, Larry. *Marxism and the Interpretation of Culture*. Chicago: University of Illinois Press, 1988, p. 271-313.

[Recebido em fevereiro de 2015 e aceito para publicação em maio de 2015]

### **The dusk of a Hero and the dawn of subversives in the *Becos da Memória***

**Abstract:** We bring into question the concept of subaltern voice's silencing, in hegemonic discourses, from the theoretical perspective of post-colonial studies and subaltern studies, with attention to the theories of Gayatri Spivak. In interpreting *Becos da Memória* narrative, from Conceição Evaristo (2013), we consider this book as part of a context in which a subversive literature allow us to problematize the hegemonic literary-criticism system. This through a polyphonic narrative, in which there is the representation of subaltern and subversive tactics to tackle asymmetrical social relations, with a re-reading of the role of the hero and a reengendering of the metaphor/metonymy system. In a narrative that rearticulates literary genres stabilized like biography, novel, short story, and oral histories. Through the discussion of the consequences of the "desfavelamento" in the laceration of the social fabric and the social relations and through the challenge of subalternization by slumdweller-subalterns-subproletarians-marginalized subjects, via resistance and subversion, Conceição Evaristo allow us to glimpse: the twilight of a Hero and the dawn of subversives.

**Keywords:** Subalternization. Hero. Metonymy. Subversion.

